

ANAIS DO  
VIII ENCONTRO NACIONAL DO GRUPO DE PESQUISA  
HISTÓRIA, FILOSOFIA E EDUCAÇÃO MATEMÁTICA  
**HIFEM**

# **Arte, História e Educação Matemática**

Organização:

Virgínia Cardia Cardoso  
Carolina Pereira Aranha  
Andreia Dalcin  
Arlete de Jesus Brito

**UFRGS**  
**UFABC**  
Santo André, 2023



**ANAIS DO VIII ENCONTRO NACIONAL DO GRUPO DE PESQUISA  
HISTÓRIA, FILOSOFIA E EDUCAÇÃO MATEMÁTICA – HIFEM**

**Arte, História e Educação Matemática**

**Organização:**

**Virgínia Cardia Cardoso**

**Carolina Pereira Aranha**

**Andréia Dalcin**

**Arlete de Jesus Brito**

3ª Edição

UFABC/ UFRGS

Santo André, 2023

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

**E56a**

Encontro Nacional do Grupo de Pesquisa História, Filosofia e Educação Matemática - HIFEM (8. : 2023 : Santo André, SP).

Anais do VIII Encontro Nacional do Grupo de Pesquisa História, Filosofia e Educação Matemática / Virgínia Cardia Cardoso ... [et al.] (Org.); – 3.ed. - Santo André : UFABC, 2023.

144 p.

ISBN: 9786559732838

1. Evento. 2. História. 3. Filosofia. 4. Educação Matemática.  
I. Cardoso, Virgínia Cardia. II. Título.

**CDU: 37:061.3**

Bibliotecária: Evelin Stahlhoefer Cotta CRB-10/1563

Capa: Arlete de Jesus Brito



## CÍRCULOS DE LEITURA (E MATEMÁTICA) COMO PROPOSTA DE EXTENSÃO PARA A FORMAÇÃO DOCENTE E A PESQUISA

*Alessandra Heckler Stachelski<sup>50</sup>*

*Andréia Dalcin<sup>51</sup>*

### **Resumo**

O texto aborda aspectos dos círculos de leitura que viabilizam e potencializam o estudo das conexões entre matemática e literatura, enquanto espaço de formação docente. Foram produzidos dados a partir da ação de extensão, intitulada “Clube de Literatura e Matemática”, como empiria da pesquisa de mestrado que busca analisar os diálogos suscitados ao longo dos encontros, de modo a explorar possíveis contribuições do clube para a formação de professores. Abordamos os três tipos de círculos de leitura e suas características, segundo Rildo Cosson, bem como os aspectos sociais e comunitários que emergem dessas práticas, situando o Clube de Literatura e Matemática como um espaço aberto para o diálogo, para o estudo e leitura compartilhada. Alinhando estes movimentos com a formação de professores, trazemos as ideias de Francisco Imbernón ao abordar a questão essencial que os contextos social e político têm quando falamos de formação permanente.

**Palavras-chave:** Matemática e Literatura; Círculos de Leitura; Formação Permanente; Diálogo.

### **1. Introdução**

O artigo é um recorte da pesquisa de mestrado acadêmico em andamento, junto ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Matemática da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, intitulada “Clube de Literatura e Matemática como Espaço de Diálogo e Formação Docente”, que possui o objetivo principal de analisar os diálogos que emergiram nos encontros de um Clube de Literatura e Matemática e, a partir destes, explorar possíveis contribuições do clube para a formação de professores.

Neste texto buscamos trazer aspectos dos círculos de leitura (COSSON, 2022) que viabilizam e potencializam o estudo das conexões entre matemática e literatura, pensando-os como espaço de formação docente.

Para a produção de dados da pesquisa foi realizada uma ação de extensão intitulada “Clube de Literatura e Matemática”. Divulgamos a abertura das inscrições por meio das redes sociais e e-mails institucionais de diferentes universidades, utilizando folders de divulgação (Figura 1 e Figura 2). Esta prática reuniu 15 participantes, dentre professores e licenciandos,

---

<sup>50</sup> Bolsista CAPES/BRASIL. Alessandra Heckler Stachelski, UFRGS, Mestranda em Ensino de Matemática, [alessandra.hs@live.com](mailto:alessandra.hs@live.com).

<sup>51</sup> Andreia Dalcin, UFRGS, Doutora em Educação, [andrea.dalcin@ufrgs.br](mailto:andrea.dalcin@ufrgs.br).

das áreas de matemática, física e letras, de diferentes regiões do país. Foram realizados 8 encontros que ocorreram semanalmente, no formato online, com cerca de duas horas de duração cada.

Figura 1: Primeira página do folder de divulgação do Clube de Literatura e Matemática



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 2: Segunda página do folder de divulgação do Clube de Literatura e Matemática



Fonte: Arquivo pessoal

Com o intuito de abranger diversos assuntos literários e criar espaço para o diálogo sobre as possibilidades de conexões com a matemática, foi pensado um cronograma bastante diversificado no que diz respeito aos textos propostos e aos autores selecionados. No decorrer da prática foram lidos contos, crônicas, capítulos de livro, cordéis, poemas e textos acadêmicos, conforme o Quadro 1.

Quadro 1: Cronograma do Clube de Literatura e Matemática

<b>Encontros</b>	<b>Tópicos abordados</b>	<b>Data e horário dos encontros síncronos</b>
1	Apresentação dos participantes. Leitura e discussão sobre o conto de Isaac Asimov: “The Fun They Had”	27/10 — 19h às 21h
2	Estudo acerca de três crônicas da Clarice Lispector	03/11 — 19h às 21h
3	Conversa com o Prof. Rafael Montoito sobre categorias e entrelugares de Matemática e Literatura	10/11 — 19h às 21h
4	O universo de Sherlock Holmes, do autor Arthur Conan Doyle: pensando atividades	17/11 — 19h às 21h
5	Sarau de poemas e poesias matemáticos	24/11 — 19h às 21h
6	Conversa com a Prof <sup>a</sup> Andréia Dalcin sobre Literatura de cordel e História da Matemática	01/12 — 19h às 21h
7	Romances distópicos: uma lista incompleta!	08/12 — 19h às 21h
8	Finalização do curso. Apresentação das atividades realizadas pelos participantes.	15/12 — 19h às 21h

Fonte: Arquivo pessoal.

A escolha dos textos para cada encontro foi algo determinado após certo tempo de deliberação. No primeiro encontro, o texto abordado foi um conto de três páginas do escritor Isaac Asimov, o qual pensamos que seria uma leitura propícia para iniciar as discussões sobre educação a partir do exercício de imaginação do futuro. No segundo encontro, as crônicas de Clarice Lispector escolhidas foram “Carta ao Ministro da Educação” (1968), “Você é um número” (1971) e “Perdão, Explicação e Mansidão” (1971), as quais abordam a educação no país e visões práticas, mas também poéticas sobre os números. No terceiro encontro, a leitura de um artigo acadêmico sobre o tema dos entrelugares da matemática e literatura foi escolhido, além de trazer o autor do artigo, Rafael Montoito, para a conversa, com o intuito de aprofundar as discussões do grupo. O quarto encontro foi pensado para compartilhar atividades que envolvessem o personagem Sherlock Holmes e a matemática, então o texto poderia ser

escolhido pelo próprio participante — mas três capítulos do livro “Um Estudo em Vermelho” (1887) de Arthur Conan Doyle foram disponibilizados para o grupo.

Para o quinto encontro foi pensado uma dinâmica de sarau, onde os participantes trariam poemas que envolvessem matemática, sejam eles elaborados pelo próprio participante ou não. No sexto encontro foram feitas as leituras de dois cordéis (“A Revolta do Quebra-queijos”, de Luzimar Medeiros Braga, e “Hipátia: guardiã da ciência, heroína e mártir”, de Gonçalo Ferreira da Silva) que pensamos serem pertinentes para um debate acerca da história da matemática, porém contada por outra ótica que não a acadêmica. O sétimo encontro foi uma conversa sobre os conceitos de utopia e distopia, foi solicitado que os participantes trouxessem algum livro distópico que envolvesse matemática e poderia ser utilizado em sala de aula. O último encontro foi utilizado para apresentações de atividades finais, elaboradas pelos participantes do Clube.

Além de ser um espaço para a produção de empiria da pesquisa, as vivências com o Clube de Literatura e Matemática tiveram o propósito de contribuir com a formação docente dos participantes interessados na relação entre matemática e literatura. Dos diálogos ocorridos buscamos extrair as ideias e falas que perpassam pelo tema das conexões entre matemática e literatura, bem como outros assuntos que emergiram no decorrer dos encontros e que se revelaram pertinentes para a análise.

Havíamos definido que a dinâmica de leitura em grupo, em voz alta, seria interessante para o processo de aproximação do grupo, de sentimento de conjunto, e também para iniciar um trabalho colaborativo (este último sendo um dos objetivos da pesquisa). Mesmo que os textos fossem disponibilizados previamente aos encontros para os participantes realizarem as leituras, também pensamos ser importante haver os momentos de leitura em conjunto. Como nos mostra Rildo Cosson (2022), a partir das ideias de George Jean, em *A leitura em voz alta* (2000), ao afirmar que, para Jean, ler em voz alta possui como características essenciais três funções: dar a conhecer o conteúdo de um texto; entender melhor o texto lido; e proporcionar sociabilidade.

Ainda porque,

ler para o outro nunca é apenas oralizar o texto. Ledor e ouvinte dividem mais que a reprodução sonora do escrito, eles compartilham um interesse pelo mesmo texto, uma interpretação construída e conduzida pela voz, além de outras influências recíprocas que, mesmo não percorrendo os caminhos sugeridos pela ficção, são relações importantes de interação social. (COSSON, 2022, p. 104)

Portanto, esta dinâmica foi proposta aos participantes e nos encontros 1, 2, 5 e 6, havendo a leitura em voz alta dos textos propostos e dos poemas escolhidos por eles. No

encontro 3, houve uma discussão com o professor Rafael Montoito acerca de seu artigo *Entrelugares: pequeno inventário inventado sobre matemática e literatura* (2019), publicado na Revista Bolema, e em outros encontros houve apresentações dos participantes sobre suas atividades desenvolvidas.

A partir deste movimento de leitura em conjunto, da existência de um clube de leitura que promova discussões que envolvem tanto literatura, quanto matemática e também educação, percebemos uma aproximação com os círculos de leitura estabelecidos por Cosson (2022). É com esta percepção que pensamos ser interessante, nesse momento, trazer este assunto e aprofundar alguns aspectos desta prática de extensão e de pesquisa que aproximou professores e licenciandos, de letras e de matemática, em um mesmo espaço para dialogarem sobre escritos de Clarice Lispector, as investigações de Sherlock Holmes, as percepções futuras de Isaac Asimov, ou ainda falar de História da Matemática a partir de cordéis.

## **2. Os tipos de círculos de leitura (e onde me encaixo?)**

A leitura é uma prática constante na formação docente e, claro, na formação do profissional da área de letras. O intuito do Clube de Literatura e Matemática também envolvia agrupar professores e licenciandos de matemática que possuem interesse na leitura literária e professores, profissionais e licenciandos da área de letras que possuem interesses matemáticos. Ao final buscamos criar, mesmo que temporariamente, uma comunidade de leitores que estavam abertos a discutir não apenas literatura, mas também matemática e educação, considerando suas experiências pessoais e profissionais.

Um círculo de leitura, como nos explica Rildo Cosson (2022, p. 157), “é basicamente um grupo de pessoas que se reúnem em uma série de encontros para discutir a leitura de uma obra”. Além disso, como afirmado por Cosson, os círculos de leitura são espaços que se assemelham aos Círculos de Cultura desenvolvidos por Paulo Freire (2015) por também priorizar o diálogo e a participação ativa dos integrantes. No caso do Clube de Literatura e Matemática, foram discutidas várias obras de autores e de formas diversificadas, pois cada leitura, e seu autor ou sua autora e seu contexto, suscitam assuntos próprios.

Cosson (2022) estabeleceu três tipos de círculos de leitura no que tange o modo de funcionamento destes.

O **círculo estruturado** “obedece a uma estrutura previamente estabelecida com papéis definidos para cada integrante e um roteiro para guiar as discussões, além de atividades de registro antes e depois da discussão” (*ibid.*, p. 158). Este tipo se situa principalmente, mas não exclusivamente, em ambientes escolares. As conclusões das discussões são registradas

pelos participantes e, mesmo podendo haver diferentes versões deste modelo, todas seguem algum roteiro com as atividades previamente estabelecidas tanto para o acompanhamento da leitura quanto para a discussão.

Já o **círculo semiestruturado**, “não possui propriamente um roteiro, mas sim orientações que servem para guiar as atividades do grupo de leitores. Essas orientações ficam sob a responsabilidade de um coordenador ou condutor que dá início à discussão” (*ibid.*, p. 159). Este condutor possui certo controle para delimitar o tempo das falas, também esclarece dúvidas, estimula o debate caso necessário e evita eventuais desvios nas discussões que fogem da obra e/ou tema proposto. Ainda é responsabilidade do condutor aprofundar ou alargar a leitura, detendo a discussão em um determinado ponto ou voltando-a a algum assunto anteriormente abordado pelo grupo.

O último tipo é o **círculo aberto ou não estruturado**, que se aproxima bastante do que pensamos ser um clube de leitura. “Uma vez acordados as obras e o cronograma das reuniões, os participantes se revezam na condução das reuniões e iniciam as discussões falando de duas impressões de leitura ou estabelecendo alguma conexão pessoal” (*ibid.*, p. 159). Neste tipo de círculo não há regras ou roteiros a serem seguidos, a não ser pelo encontro para debater sobre alguma obra. O desenrolar da discussão é como uma conversa entre amigos e familiares em que a leitura do texto é apenas uma fonte que inicia o diálogo.

Dado que estes tipos não são exclusivos, pensamos no Clube de Literatura e Matemática como uma combinação de algumas características dos três tipos de círculos de leitura. Os encontros já se iniciaram a partir de uma estrutura, um cronograma a ser seguido e dinâmicas pensadas, características que se encaixam no círculo estruturado. No entanto, os participantes foram motivados a opinar sobre o cronograma, podendo alterar ou acrescentar os temas de discussão, algo que não ocorreu. Logo, o cronograma seguiu como planejado e as dinâmicas realizadas por encontro também foram seguidas sem haver desacordo por parte dos participantes.

O Clube de Literatura e Matemática, pode-se dizer, teve a pesquisadora como uma condutora das discussões, pois além de trazer aprofundamentos quanto à obra lida e/ou ao seu autor, também buscou estimular o diálogo por meio de questões relacionadas à obra e ao tema de estudo do grupo, orientando as discussões para que não fugissem do escopo da leitura e suas conexões com a matemática e/ou educação. Dessa forma, o Clube de Literatura e Matemática se aproxima fortemente do círculo semiestruturado.

Mas também vemos aproximações com o tipo círculo aberto, pois pensávamos a prática do Clube de Literatura e Matemática com os participantes dialogando abertamente e,

para isso, é preciso que haja conversas como se estivessem num grupo de amigos. Portanto, por mais que as discussões fossem orientadas, as falas que compartilhavam experiências pessoais não foram restringidas.

De maneira geral, percebemos o Clube de Literatura e Matemática como um círculo de leitura que mais se aproxima do tipo semiestruturado, mas que possui características do tipo estruturado e do tipo aberto.

### 3. A formação permanente do leitor e do docente

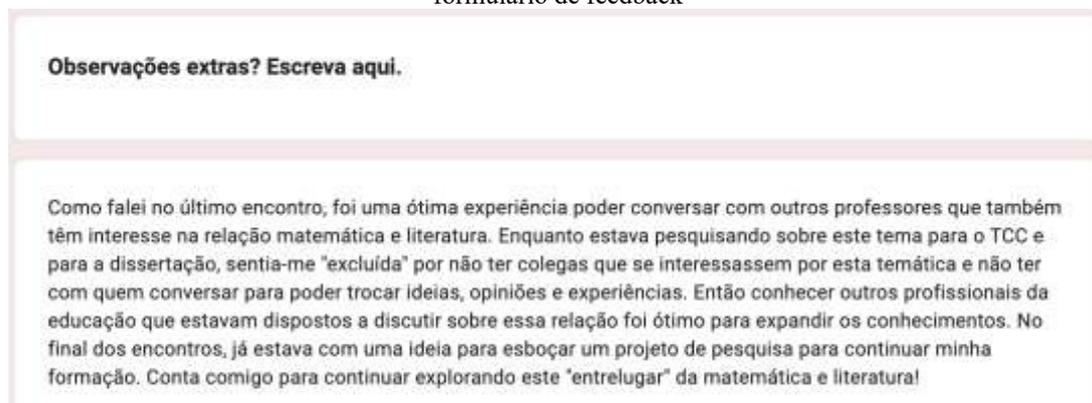
Conforme Rildo Cosson (2022, p. 158)

Em um círculo de leitura, o local de interação é importante para definir várias características, objetivos e modos de funcionamento, mas o que importa mesmo é que haja interação. Um círculo de leitura é essencialmente o compartilhamento organizado de uma obra dentro de uma comunidade de leitores que se instituiu para tal fim.

A comunidade de leitores formada pelo Clube de Literatura e Matemática é, de certa forma, bem particular. Pois agrupou indivíduos de diferentes regiões do país, com idades e tempos de experiência diversos, e reuniu profissionais e estudantes de diferentes áreas, mas que se conectam socialmente pela prática e/ou formação docente e também pelo gosto/interesse na leitura literária. Não é sem razão que, ao final do último encontro, houveram falas dos participantes em relação ao quanto se sentiram incluídos e apreciaram a experiência de encontrar e dialogar com outros professores que também se interessam pela leitura literária e em construir situações didáticas que envolvem matemática e literatura.

Um exemplo disso está em uma observação por escrito deixada por uma participante no formulário de *feedback* disponibilizado após o encerramento da prática de pesquisa (como consta na Figura 3).

**Figura 3:** Observação por escrito de uma participante do Clube de Literatura e Matemática submetido no formulário de feedback



Observações extras? Escreva aqui.

Como falei no último encontro, foi uma ótima experiência poder conversar com outros professores que também têm interesse na relação matemática e literatura. Enquanto estava pesquisando sobre este tema para o TCC e para a dissertação, sentia-me "excluída" por não ter colegas que se interessassem por esta temática e não ter com quem conversar para poder trocar ideias, opiniões e experiências. Então conhecer outros profissionais da educação que estavam dispostos a discutir sobre essa relação foi ótimo para expandir os conhecimentos. No final dos encontros, já estava com uma ideia para esboçar um projeto de pesquisa para continuar minha formação. Conta comigo para continuar explorando este "entrelugar" da matemática e literatura!

Ao falar da formação continuada atual, Francisco Imbernón (2022) critica o processo de conferências-modelo e o modo padronizado que os cursos são implementados e como os professores seguem sua formação sendo considerados ignorantes. O autor afirma que “Para a formação permanente do professorado será fundamental que o método faça parte do conteúdo, ou seja, será tão importante o que se pretende ensinar quanto a forma de ensinar” (IMBERNÓN, 2022, p. 11).

Vemos então o Clube de Literatura e Matemática como um potencial espaço formativo inicial e permanente que foge do formato (e conteúdo) padrão, pois dá protagonismo para o docente em sua própria formação. Até porque, depende da decisão do próprio professor (ou licenciando) em participar de uma ação de extensão e/ou de uma pesquisa, de se propor a explorar seus próprios horizontes de aprendizagem e viajar por esse entrelugar que está na fronteira de seus conhecimentos.

Este protagonismo docente se dá pelo foco no diálogo entre os participantes. Como uma prática anteriormente planejada, havia um cronograma, temas e dinâmicas definidos, mas nenhum diálogo foi cerceado ou interrompido. Todos os participantes eram instigados a compartilhar, a responder, a participar. Pois é essa interação social, essa cônica, essa presença como comunidade, como colaboração, que realmente cria o ambiente propício para a crítica e a autocrítica, no sentido de gerar questionamentos ao que lê, ao que ouve, mas também ao que o próprio diz e acredita.

Como afirma Imbernón (2022, p. 46),

A formação permanente deveria apoiar-se, criar cenários e potencializar uma reflexão real dos sujeitos sobre sua prática docente nos centros e nos territórios, de modo que lhes permita examinar suas teorias implícitas, seus esquemas de funcionamento, suas atitudes etc., potencializando um processo constante de autoavaliação do que se faz e analisando o porquê se faz.

Olhando apenas para os diálogos do primeiro encontro do Clube de Literatura e Matemática, no qual foi feita a leitura e discussão sobre o conto “The Fun They Had” do escritor Isaac Asimov, podemos destacar falas que não se limitam à história do conto, ou à presença ou não de matemática na leitura. A participante Anathema Device<sup>52</sup> comentou que esses livros (se referindo aos livros de Asimov e outros que abordam cenários futuristas)

---

<sup>52</sup> Os nomes utilizados são personagens retirados de livros, alguns escolhidos pelos próprios participantes, para preservar o anonimato.

Eles relatam outra forma de educação, uma outra forma de aprendizagem, seja na escola, seja na graduação e eu acho muito legais... Quando eles fazem a gente pensar, né, o nosso estado atual do ensino a partir desse olhar num futuro muito distante onde essas coisas já não existem mais, são obsoletas.

Em outro momento do encontro, o participante Jonas relata que

(...) me chamou atenção foi quando o inspetor foi lá e regulou a máquina de acordo com a necessidade daquela menina. Basicamente é isso que o currículo faz, né? Tem vários autores sobre currículo, mas um que eu tenho lido ultimamente é o Sacristán. Ele fala muito sobre a função entre aspas “unificadora”, mas também reguladora e controladora que um currículo pode ter em uma escola. E aí eu vi isso nessa função de regular o que que a pessoa deve aprender, e com que nível.

Nota-se um movimento de pensamento que, por meio da leitura de um conto de ficção-científica, perpassa por questionamentos em relação à estrutura educacional atual e pelos modos de funcionamento do currículo e como isso afeta a prática docente. Podem não ser falas muito aprofundadas sobre o assunto, mas é interessante destacar que outros participantes ouvem estas falas e passam a conhecer um pouco mais sobre a ideia de currículo, por exemplo, caso ainda não tenham tido contato ou estudo sobre este assunto.

Para Cosson (2022, p. 154),

os círculos de leitura são exemplos de como comunidades de leitores podem ser organizadas e ter seus protocolos de leitura explicitados para os grupos. É por isso que se pode dizer que os círculos de leitura são espaços sociais nos quais as relações entre textos e leitores, entre leitura e literatura, entre o privado e o coletivo são expostas e os sentidos dados ao mundo são discutidos e reconstruídos. Participar de um círculo de leitura é compartilhar com um grupo de pessoas as interpretações dos textos com as quais construímos nossas identidades e da sociedade em que vivemos.

Pensamos na literatura também como um meio que proporciona diálogos que transbordam a zona de conforto dos participantes. No caso do Encontro 7, por exemplo, livros de distopia foram o foco da discussão e o participante Melquíades apresentou ao grupo a narrativa do livro “Nós” do escritor Evgeni Zamiatin, que, nas palavras de Melquíades, retrata

A história de um matemático-engenheiro, ele é o D-503, e ele vive numa sociedade absolutamente controlada e que o pessoal tem muito orgulho de ser racional e matemática, e tudo é muito claro, assim, tudo é muito evidente, tudo é muito óbvio, porque tudo é muito racional, etc. (...)

tudo é muito burocrático, as pessoas têm tabela de horários e as tabelas de horários são públicas, então todo mundo têm duas horas diárias de atividades particulares, só que muitas das pessoas aproveitam essas duas horas para fazer atividades patrióticas. Mas também pode acontecer outras coisas... As pessoas combinam de transar nas horas particulares. E é tão burocrático que tu tens que pedir um requerimento, aí a pessoa com quem tu vai sair também vai ter um requerimento e vocês assinam um do outro. Porque tudo precisa ficar provado.

Aqui percebe-se como a literatura distópica possui um potencial em movimentar um exercício de imaginação que relaciona ficção e realidade, e neste caso específico ainda conecta com a matemática. É uma ficção sobre um futuro que faz o leitor refletir sobre o presente em que está inserido, e talvez criticar o que há hoje que pode vir a se tornar aspecto de uma distopia. E assim apenas se inicia um processo longo de desenrolar questionamentos cada vez mais complexos e abrangentes.

#### **4. Algumas últimas aproximações finais**

É comum o discurso de que a matemática é uma ciência exata e neutra, que não possui posicionamentos políticos ou opiniões... Mas devemos nos lembrar que há sempre alguém que utiliza da matemática, que a ensina, que a aprende, que a manipula. Este alguém certamente não é isento de opiniões, de posicionamentos, e o professor e o licenciando de matemática também não, todos possuímos vieses, histórico, vivemos em um contexto social.

Assim como nos diz Imbernón (2022, p. 11),

hoje em dia, não podemos falar nem propor alternativas para a formação permanente sem antes analisar o contexto político e social (de cada país, de cada território) como elemento imprescindível na formação, já que o desenvolvimento das pessoas sempre tem lugar num contexto social e histórico determinado, que influencia sua natureza.

Por isso também que vemos um círculo de leitura formado por professores e licenciandos de matemática e letras, de diferentes localidades, com o potencial (tal qual ocorreu no Clube de Literatura e Matemática) de desenvolver diálogos que transformam o modo de pensar uns dos outros, que instigam ideias para novas situações didáticas, ou para novos projetos com suas turmas nas escolas.

Bem como Paulo Freire (2019, p. 25) afirma: “embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado”. Vemos assim a importância da ação de extensão como um movimento que abre portas para diversas pessoas, e neste caso particular para os docentes, usufruir da infraestrutura de uma universidade pública para se formar (mesmo sendo a formação docente algo permanente) e estar presente no processo de produção de pesquisa, auxiliando na formação dos professores e pesquisadores.

A formação permanente deveria fomentar o desenvolvimento pessoal, profissional e institucional do professorado potencializando um trabalho colaborativo para transformar a prática. (...) Isso implica fugir de políticas de subsídio, de políticas em que se acredita que oferecendo (ou investindo) à formação uma grande quantidade de cursos, seminários ou jornadas, a educação mudará; deixa-se o contexto trabalhista empobrecido, assim como a metodologia de trabalho da prática formativa mais

orientada a práticas formativas individuais que a modelos de formação permanente de caráter coletivo, de desenvolvimento e de melhoria do currículo e a processos indagativos em que a base não é a “ignorância do mestre”, mas que se confia na capacidade do professorado para gerar inovações através da prática educativa. (IMBERNÓN, 2022, p. 44)

Acreditamos no Clube de Literatura e Matemática, como um círculo de leitura e como espaço de formação permanente do docente, como uma prática que é capaz de muito mais do que foi inicialmente planejado ou objetivado. Foram produzidos diálogos que construíram conhecimentos e que se fizeram (trans)formadores para os docentes e licenciandos participantes. Nesta ação de extensão vimos que é quase impossível falarmos de matemática, ou de literatura, ou de educação como separadas dos contextos sociais e materiais do cotidiano (contextos políticos) do participante que dialoga. Se aproximando com os Círculos de Cultura de Paulo Freire (2015), sendo estes “espaços de diálogo e participação” se opondo ao “ensino doador e passivo tradicional”, como aponta Cosson (2022, p. 139).

### **Agradecimentos**

O presente trabalho foi realizado com apoio financeiro do Estado do Rio Grande do Sul por intermédio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS) e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Edital 18/2020 - PDPG.

### **Referências**

- COSSON, Rildo. **Círculos de Leitura e Letramento Literário**. São Paulo: Editora Contexto, 2022.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática para a liberdade**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz & Terra, 2015. Livro eletrônico.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 60. ed. Rio de Janeiro / São Paulo: Editora Paz & Terra, 2019.
- JEAN, George. **A leitura em voz alta**. Lisboa: Instituto Piaget, 2000. Disponível em: <<https://catalogo.uab.pt/docs/acessibilidades/LeituraVozAlta.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2012.
- IMBERNÓN, Francisco. **Formação permanente do professorado: novas tendências**. São Paulo: Editora Cortez, 2022. Livro eletrônico.
- MONTOITO, Rafael. Entrelugares: pequeno inventário inventado sobre matemática e literatura. **Bolema**, Rio Claro (SP), v. 33, n. 64, p. 892-915, 2019. DOI <http://dx.doi.org/10.1590/1980-4415v33n64a22>.

Após o expediente (10 e 11/08/23)

